

PATRIMÔNIO VIRTUAL

Jesus de Paula Assis
Livia Gabbai
Paula Gabbai
Paula Janovitch
Ricardo Irineu de Sousa

Apresentação

As tecnologias de realidade virtual estão hoje suficientemente desenvolvidas, tanto do ponto de vista técnico como de linguagem, para embasar projetos que transcendam o plano do entretenimento provido pelos videogames, o resultado mais visível desse setor da indústria de software.

As tentativas de usar essa tecnologia para educação têm seguido uma linha mais rígida de transportar para o meio eletrônico o conteúdo de livros-textos, acrescido de vídeos e sons.

Já o uso artístico tem sido mais amplo e criativo, produzindo grande quantidade de aplicações e interfaces para exibição em exposições. No Brasil, festivais como o Videobrasil, File, Emoção (Art)ficial e Digital Arte Bahia atestam que o setor tem produção numerosa e de bom nível.

Assim, usar tais técnicas para resgatar o patrimônio urbanístico e arquitetônico parece consequência natural desses esforços, unindo imaginação artística e precisão histórica.

Até o momento, os trabalhos mais notáveis nesse sentido têm sido a produção de vídeos a partir de modelos 3D de edifícios e paisagens. O que pretendemos é dar um passo além, criando uma aplicação em realidade virtual, interativa, na qual o fruidor poderá passear livremente por um ambiente fidedigno. Uma vez construído o ambiente, este poderá ser exibido em um computador comum ou em uma grande tela, dando total sensação de imersão.

Nossa intenção é construir um ambiente que retrata um ponto do centro da cidade de São Paulo que foi totalmente destruído em 1938-9, para a implementação de um novo plano urbanístico. Bem sucedido este projeto, estarão abertas as portas para outros semelhantes, que poderão tanto ser exibidos de forma itinerante como fazer parte do acervo de museus e outras instituições culturais, para exibição permanente.

A idéia é que o fruidor possa, com o auxílio de técnicas de realidade virtual, sentir como era ser estudante em uma escola modelo em São Paulo, em uma época em que a proposta mesma de um Jardim da Infância era em si revolucionária. Tal sensação pode ser transmitida por meios como o vídeo, fotos ou filmes de ficção, mas só a realidade virtual permite a fruição livre do espaço, uma exploração que respeita o interesse do visitante, pois é ele quem decide sua direção e velocidade.

Percorrendo à vontade o espaço do Jardim da Infância, presenciando o cotidiano da instituição e tendo como pano de fundo a São Paulo em processo de se tornar metrópole, o fruidor resgata um pouco da sensação de o que era fazer parte desse momento da história.

História sucinta da edificação

A Escola Normal de São Paulo foi inaugurada em 1894, em edifício projetado por Paula Sousa e desenvolvido pelo escritório de Ramos de Azevedo. Hoje, o prédio, descaracterizado pela construção de um terceiro andar (além de ter ganho anexos no fundo nas décadas de 1910 e 1920), abriga a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

Além de escola modelo, a instituição teve grande influência nos métodos de ensino em todo o país, pois formava professores (normalistas) que iam dar aulas em outras escolas, levando os métodos revolucionários (em grande medida adequações de metodologias então experimentais norte-americanas) para outras instituições de ensino.

Além disso, toda a geração de intelectuais modernistas esteve de alguma forma ligada à Escola Normal, seja como professores, ou ex-alunos ou agitadores e palestrantes eventuais.

Nessa época, era comum que a criança entrasse na escola aos sete anos, sendo a educação anterior inteiramente ministrada em casa. Mas, então, a Escola Normal inova: cria um Jardim da Infância, que preparava os alunos para entrarem no então chamado curso primário. Dois anos depois da inauguração da Escola Normal, o Jardim se muda para o novo prédio, com quatro salas de aula, anexos de serviço, jardins, horta, coretos e um salão central.

Das escolas normais paulistas, é a única a desenvolver tal projeto. O prédio do Jardim era alto (14 m de altura na base de seu zimbório, tendo um mirante da cidade) e tão suntuoso que, além das salas de aula, abrigava espaços para saraus, recitais etc. Nas palavras de um cronista que o descreve em 1900, Alfredo Moreira Pinto, "É o Jardim da Infância uma instituição monumental e única em seu gênero em toda a República...(1)". No entanto, em 1939, para implementação da ligação entre a avenida São Luís e a rua Marquês de Itu, esse edifício excepcional foi demolido. (O edifício da Escola Normal também seria ameaçado pelas obras do Metrô, nos anos 1970, e foi só com a ação conjunta de associações de ex-alunos e do Iphan que o prédio resistiu.)

Documentação

As principais fontes documentais estão nos acervos:

- CRE Mario Covas - Acervo da Escola Caetano de Campos/ SP
- Biblioteca FAU/SP - Acervo "Ramos de Azevedo"
- Arquivo do Estado de São Paulo

Fora isso, a Prefeitura tem plantas cadastrais da época da demolição, que permitem ver a disposição dos anexos não previstos no projeto inicial de Ramos de Azevedo.

Do ponto de vista fotográfico, a documentação mais importante se encontra no CRE Mario Covas, onde pudemos examinar um álbum feito em 1938-46, que retrata vários detalhes do edifício, feito provavelmente a várias mãos, que sabiam perfeitamente estar preparando um último inventário do local.

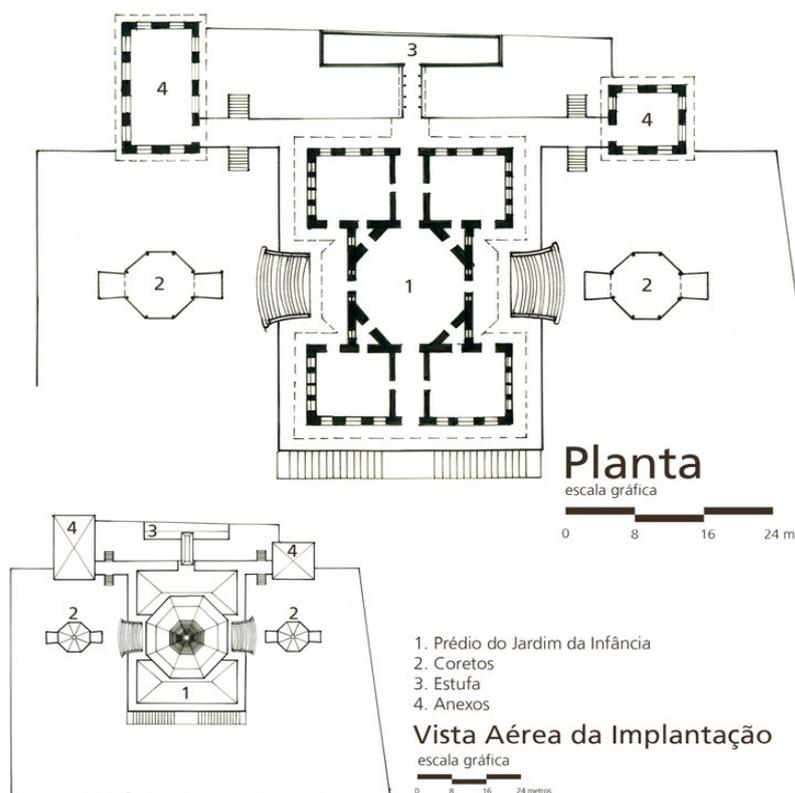


Primeira página do álbum de retratos do edifício do Jardim da Infância guardado no CRE Mario Covas, com 30 fotos

Tais álbuns, somados a outros que focalizam principalmente a Escola Normal, e a existência de algumas plantas em rascunho, nos permitiram chegar a uma planta do complexo. Nos acervos consultados, no entanto, só existem fragmentos: plantas de anexos pós-demolição, plantas da Escola Normal que mostram o Jardim ao fundo e um esquema que não foi seguido na construção do prédio.

Essa escassez de documentação não é problema atual, como podemos ver por esta passagem de Luís Alberto do Prado Passaglia: “A falta de material gráfico, ainda não encontrado até este momento, referente ao período da construção do edifício, deixa algumas dúvidas de como seria a planta original. A dificuldade na localização deste material não é recente, mas ocorreu também em 1933 por época da construção do 3º pavimento”. (Revista do Arquivo Municipal, nº 188, jan.-dez. 1976, p. 28)

No momento, a planta usada como base da construção virtual é a seguinte:



Desenvolvimento técnico e possibilidades de uso

A aplicação permite um passeio completo pelas dependências do Jardim da Infância. O visitante estará em posição de primeira pessoa e poderá explorar livremente o ambiente. Uma vez que o prédio era murado e cercado de árvores, de seu mirante será visível a *skyline* de São Paulo em 1938, quando a avenida São Luís contava ainda com poucos edifícios e em uma de suas travessas existia uma exótica "Vila Normanda". O interior do edifício será detalhado (mobiliário, figurinos, texturas) com base em fotografias e depoimentos de ex-alunos. Em especial, receberão atenção os objetos em uso em 1939 derivados do trabalho com que a pioneira Miss Browne (Marcia Percy Browne, nascida em 1845, diretora da Escola Modelo na década de 1890 e inspiradora de muitos métodos usados no Jardim da Infância) estimulava o aprendizado das crianças, no período em que foi a organizadora de escolas-modelo em São Paulo.

Do ponto de vista técnico, a aplicação será desenvolvida com o software 3D GameStudio. Trata-se de programa para criação de videogames com ampla difusão no mercado profissional e preço acessível. Para apoio, serão usados softwares comuns de edição de imagens, vídeo e sons.

A exibição do resultado pode ser feita tanto em telas comuns de computador como por meio de projetor, o que dá maior sensação de imersão no ambiente. Dependendo da disponibilidade de locais e de maquinário, uma instalação em que o projetor é montado dentro de uma sala escura na qual as paredes contíguas à de projeção recebem cobertura de imagens da época pode ampliar ainda mais a

sensação, dando ao visitante uma nítida impressão de ter viajado no tempo. Para ampla distribuição a interessados, frisamos que todo o conteúdo pode ser alojado em um só CD-ROM.

Adendo

Apenas como observação final, seria importante frisar que o projeto não se iniciou com preocupação histórica. O Jardim da Infância era um entre dez ambientes que comporiam um videogame cuja ação ocorria na cidade de São Paulo em 1918. Terminada a versão demo desse game, um grupo de pessoas continuou a trabalhar com o edifício, já então de uma perspectiva puramente de reconstrução precisa. E o que essa equipe encontrou foi uma documentação esparsa e falha, quase acidental. Não é aqui o espaço para discutir o que deve e o que não deve ser preservado em uma cidade em constante transformação e exigências dinâmicas. Mas é certo que a coleta rigorosa de documentação, que permita que um processo como este de reconstrução virtual seja feito com rigor, deveria ser o mínimo a se exigir de autoridades municipais. Visto em retrospecto, não parece que mais de uma semana de levantamentos in-loco seria necessária para termos um ótimo inventário do prédio do Jardim. E, com ele, poderíamos fazer mais e melhor. As técnicas de que dispomos permitem imersão, abrem portas para novas possibilidades de educação e de compreensão da cidade. Mas não têm como substituir a ausência de uma coleta ativa e focada de dados.

(1) É o Jardim da Infância uma instituição monumental e única em seu gênero em toda a República. Destina-se a tomar a criança aos três anos de idade, ministrar-lhe o ensino dos sentidos e assim prepará-la para o ensino preliminar.

...

Dão acesso ao Jardim duas escadas em fraca rampa, com degraus quase microscópicos, assim construídas para evitar que as crianças caiam ao subi-las. Dispõe de quatro salas de aulas e um salão no centro, de forma octogonal, coberto por um vasto zimbório metálico, onde se acham pintados, entre outros, os retratos de Fröbel, Pestalozzi, Rousseau e Mme. Carpentier. Abaixo do zimbório há uma galeria sustentada por colunas de ferro, destinada ao público por ocasião de festas. Anexos ao Jardim há quatro compartimentos utilizados em gabinete de toilette das professoras, sala de visitas e gabinetes de trabalho da inspetora. Aos lados e no meio do Jardim erguem-se dois formosos pavilhões para recreio das crianças.

Alfredo Moreira Pinto. "A cidade de São Paulo em 1900". Edição fac-similar. São Paulo, Governo do Estado de São Paulo, 1979, pp. 117-119.